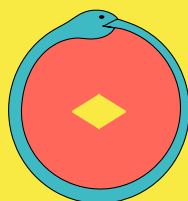
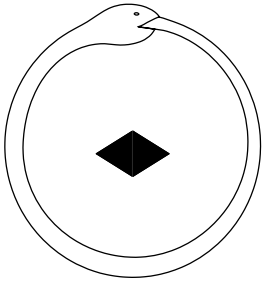




METAMORFOSE
Flecha 3



cadernos
SELVAGEM



METAMORFOSE
flecha 3

Eis uma FLECHA SELVAGEM em contínua transformação. Se na primeira flecha falamos da chegada da vida na Terra e na segunda acompanhamos o desdobramento da energia solar em vida, na flecha três mergulhamos no movimento da força vital através dos tempos, dos territórios, dos elementos e dos corpos.

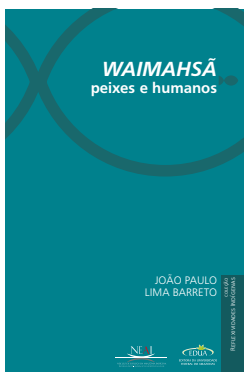
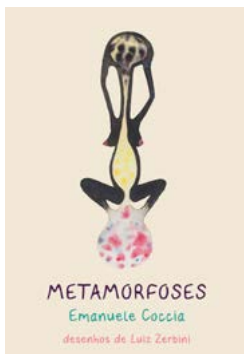
Três leituras foram essenciais para elaboração da flecha 3: o livro de Emanuele Coccia, *Metamorfoses*, o ensaio de antropologia indígena *Waimahsã. Peixes e Humanos* e a tese de Doutorado *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*, estes dois de João Paulo Lima Barreto.

Buscamos a perspectiva da evolução como ação colaborativa através da observação de elementos e seres que migram entre os corpos viventes. Dessa forma desviamos nosso olhar da ilusão de que há seres prontos e acabados para o momento em que a vida é multiespécie, seja na “fabricação” da vida com células que um dia participaram de outra vida, seja na habilidade dos seres de se transformarem em outros, como pajés, borboletas ou encantados.

A flecha é uma experiência audiovisual que propaga ideias que giram no Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida. Ela é feita com imagens de arquivo, direção artística, textos e pesquisas de Anna Dantes, narração de Ailton Krenak, edição de Elisa Mendes, produção de Madeleine Deschamps com a assistência de Victoria Mouawad e Laís Furtado, trilha de Lucas Santtana e Gil Monte e animação de Lívia Serri Francoio.

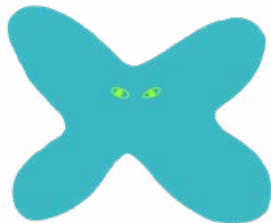
Agradecemos a Emanuele Coccia e João Paulo Lima Barreto, pela consultoria, inspiração e palavras que trespassam essa flecha.

Para conhecer mais sobre o projeto, sugerimos a leitura do *Caderno A Serpente e a Canoa* e do *Caderno O Sol e a Flor* e uma visita ao site *Selvagem*.





Vamos embarcar?



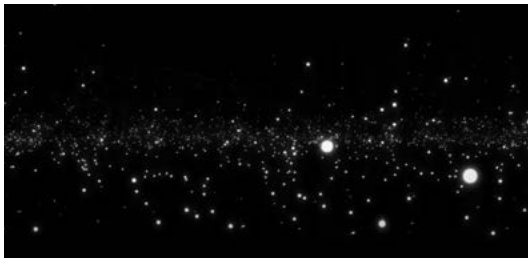


TÓRĀMĚ KEHÍRI
Chuvas e Constelações: calendário econômico
Desana, 1987
acervo da Fundação Darcy Ribeiro

Havia outro mundo antes de o mundo existir. Uma nuvem terra, um mundo primordial superior onde habitavam *Yepa Gõãmu* e *Yepa Buró*. Eles eram irmão e irmã e sentiram-se confinados neste mundo onde viviam. Eles planejaram o mundo em que vivemos.

Foi *Yepa Buró*, a avó do mundo, quem se concentrou e não deixou a ideia se perder. Para que o desenho de um novo mundo funcionasse, eles sentaram-se em seus bancos de quartzo branco e lançaram mão de *bahsesse* que, para os Tukano, envolve o benzimento, a concentração e uma linguagem para a qual não existe tradução.

Eles criaram uma plataforma e depois quatro pilares. Criaram também um lago cheio de peixes, plantaram as principais plantas e intuíram que a melhor forma de fazer aparecerem os humanos seria pela via aquática.



SUPERUBER
Fluxo, 2018

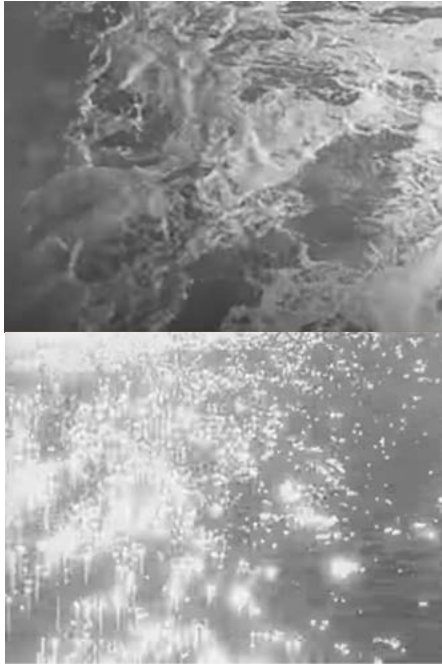
Para navegar, *Yepa Gõãmu* vestiu a canoa com a roupa e as qualidades de uma cobra grande e nela embarcou os futuros humanos já na condição de *Waimahsã*, envolvendo-os com as qualidades de peixe, com roupas de peixe.



Waimahsã, chamados de gente-peixe, são gente invisível que habita os domínios da terra, da floresta, do ar e da água. Eles têm a capacidade de metamorfose e de camuflagem. Vestindo a roupa, assumem a forma de animais e de peixes e adquirem temporariamente suas características e habilidades.

Trechos extraídos do livro
WAIMAHSÃ PEIXES E HUMANOS
de João Paulo Lima Barreto
Coleção Reflexibilidades Indígenas
NEAI, 2018

PAULO DESANA
Pamũrimasa
(os “Espíritos da Transformação”
ou “que saíram da água do rio”), 2021



MÁRIO PEIXOTO
Limite, 1931

No início, éramos todas e todos o mesmo ser vivo. Compartilhamos o mesmo corpo e a mesma experiência. Desde então, as coisas não mudaram tanto.

Multiplicamos as formas e maneiras de existir. Mas ainda hoje somos a mesma vida.



Há milhões de anos, essa vida se transmite de corpo em corpos. Ela se desloca e se transforma. A vida de cada ser vivo não começa com seu próprio nascimento: ela é muito mais antiga.

LUIZ ZERBINI

Sem título. Preto, 1999. Monotipia

Tinta acrílica sobre papel. 273 x 158 cm

Alien, 1999. Monotipia

Tinta acrílica sobre papel. 106 x 80 cm

Sem título, 1999

Técnicas variadas sobre papel. 107 x 80 cm

Sem título, 1999

Técnicas variadas sobre papel. 105 x 78,5 cm



GLAUBER ROCHA
Barravento, 1962
© Glauber Rocha

Dizem que o tempo é um fio. Uma sucessão de acontecimentos e fatos passados, de ações presentes e de um futuro planejável, chamado porvir.



Octopus Backlight

Talvez o tempo seja o caminho de um organismo, um grande organismo em metamorfose que ativa o metabolismo de tudo que nele habita.



Há quem saiba que tudo na Terra é vivo,
pois ser vivo é participar.



É ser uma partícula, fazer parte.

PRISCILLA TELMON & VINCENT MOON

Híbridos, os Espíritos do Brasil, 2014-2018

Petites Planètes, Fever Filmes, 2014-2018

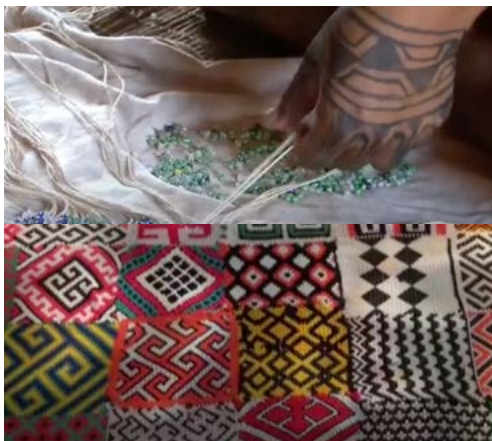


MARIENE DE CASTRO

Ponto de Nanã, 2012

© Mariene de Castro

O rio é tão vivo quanto os peixes, a montanha é tão viva quanto a menor semente.

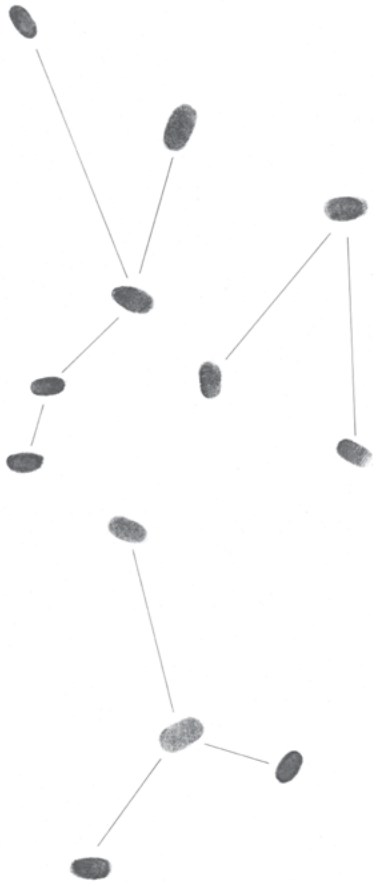


Museu do Índio

Filme da exposição

No Caminho da Miçanga, 2015-2016

Curadoria ELS LAGROU



OLAV LORENTZEN
Digitais e tinta, 2020-

Fomos, ainda, desenhos feitos por Yepá Buró e seu irmão, que planejaram a Terra antes de o mundo existir.



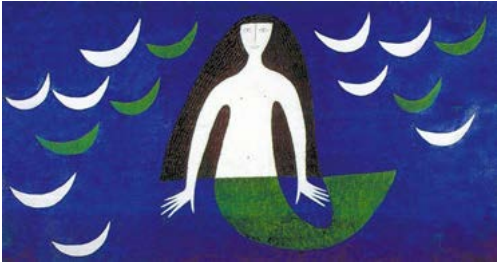
CAO GUIMARÃES E RIVANE NEUENSCHWANDER

Quarta-feira de Cinzas, 2006

Vídeo digital em alta definição.

Trilha Sonora O Grivo

Seríamos assim desenhos feitos em outro lugar. Desenhos que ligaram um hidrogênio a outro, dois hidrogênios a um oxigênio, que ligaram fósforo, ferro, cálcio, silício em variadas combinações, numa química periódica, geométrica e bela.



ALFREDO VOLPI
Sereia, 1960
Crédito imagem: Sergio Guerini

Somos átomos e moléculas.
Somos peixes.



REPTILE'S STORY
[*Female Transferring Eggs To Male Seahorse To He Giving Birth So Amazing*](#), 2019
Fair use policy

Cada nascimento é um desembarque da canoa da transformação.



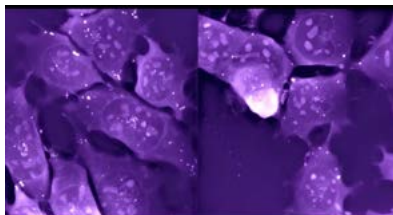
EARTH TOUCH
[*African Rock Python Lays Massive Clutch of Eggs*](#),
Queen of Pythons TV Show
on Smithsonian Channel

O nascimento é um corredor: um canal de transformação que leva a vida de uma forma a outra, de uma espécie a outra, de um reino a outro.
Ter nascido significa que somos um pedaço desse mundo, passamos a integrar Gaia.

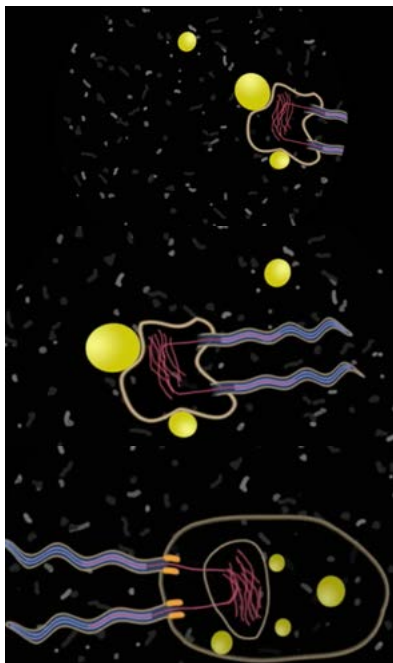


LUIZ ZERBINI
da série Metamorfose. Ilustrações para o
livro *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia,
Dantes Editora, 2020
Aquarela sobre papel. 40 x 30 cm

Todos os seres vivos são, de uma certa forma, um mesmo corpo, uma mesma vida e um mesmo eu que continua passando de forma em forma, de sujeito em sujeito, de existência em existência.



Coabitamos nesse grande organismo.

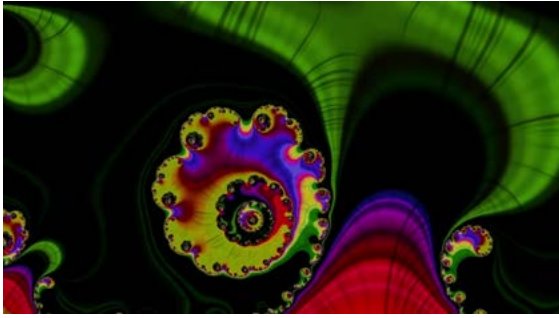


Em um mar primordial, uma bactéria que respirava oxigênio foi incorporada por um outro ser que não respirava oxigênio, e, morando em seu interior, a bactéria se tornou a mitocôndria.

Symbiotic Earth: How Lynn Margulis Rocked the Boat and Started a Scientific Revolution

A film by JOHN FELDMAN

Produced by Hummingbird Films, New York



Fractal Background Loop: Mitochondrial Zoom

A mitocôndria está presente nas células de todos os animais e fungos.



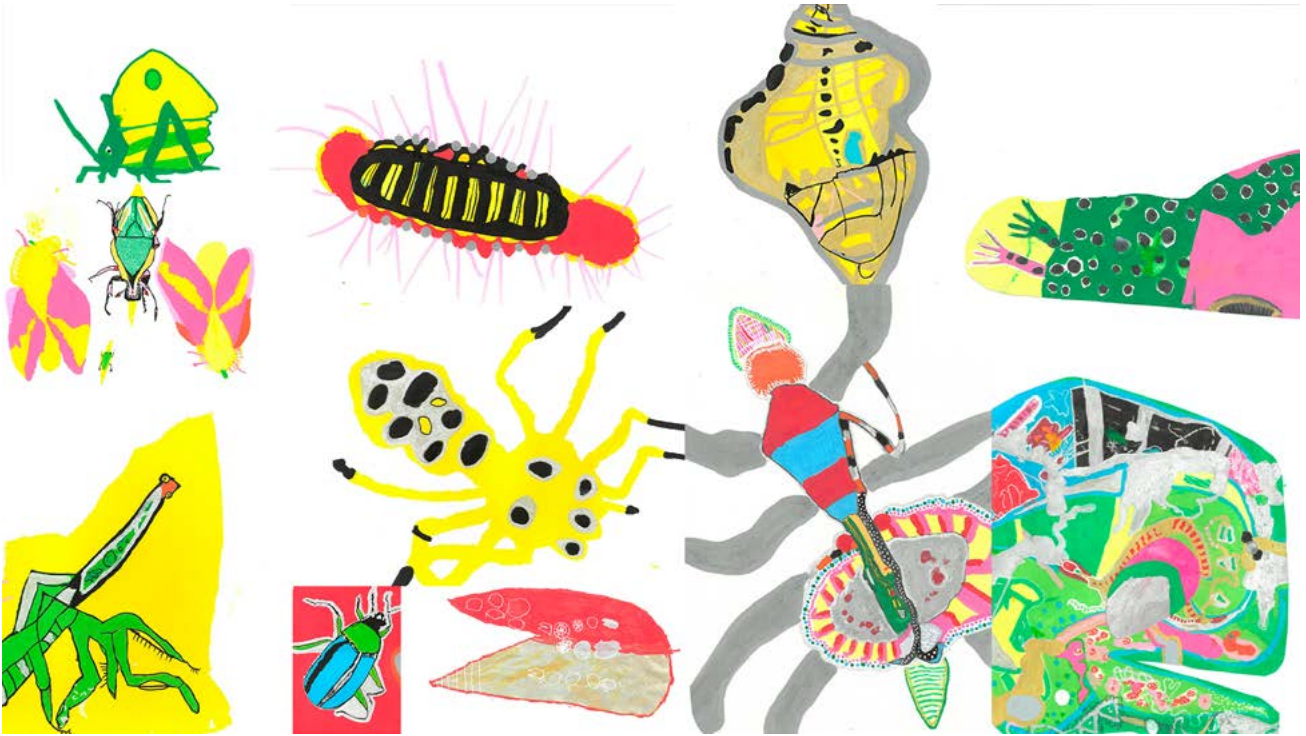
A mitocôndria é transmitida apenas pelas mães aos descendentes; é considerada uma caixa de força.

TARSILA DO AMARAL
Composição (Figura só), 1930
 © Tarsila do Amaral

A lagarta e a borboleta são o mesmo ser. Um ovo de borboleta rebenta e dele sai uma lagarta. Um ovo que estava suspenso pela folha de uma planta. A lagarta se alimenta das folhas da planta que sua mãe borboleta escolheu para deixar seus ovos. A lagarta cresce e um dia, já grandinha, ela se prende em alguma superfície. Ela produz fios de seda para se prender e para construir um casulo e viver na forma de crisálida, como uma flor em seu botão. Durante esse período, ela se transforma internamente e renasce borboleta.



The Monarch Butterfly Story
 provided with permission from
 Encyclopædia Britannica,
 Inc. © 1987 Encyclopædia Britannica, Inc.



FERNÂANDA ZÊRBIM*
FERNANDA ZERBINI
Insetos, 2021
com a colaboração de Muká

A metamorfose faz da vida uma transmissão,



permite que uma mesma vida conecte vários mundos.

Assim, a vida é um entrelaçamento.

ANNE DUK HEE JORDAN
Staying with the Trouble, 2019



Envelhecemos e nos transformamos.

ANNE DUK HEE JORDAN
Staying with the Trouble, 2019



A transformação é como trocar de pele.

Snake shedding skin



Trocamos ao longo da vida e trocamos entre espécies.

Axolotl Amphibian Face and Gill Detail



Painting on Water for Paper Marbling
Traditional Turkish Ebru Technique

Nesse lugar da fabricação de um novo ser



com partes de células que um dia
participaram de outros corpos, e de
elementos que integraram outros
elementos, nesse lugar talvez sejamos
quimeras.



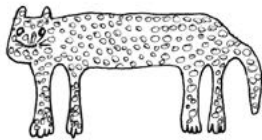
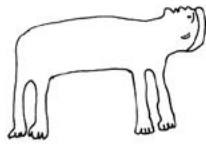
ANA MIRANDA

Ilustração de capa da 1ª edição do livro *Boca do Inferno*, 1989, publicado pela Companhia das Letras

Desenho da série *Mulheres Animais*, 1978

Desenho da série *Mulheres Animais*, década de 1970

Desenho da série *Felinos*, década de 1980



Especialistas indígenas do grupo Desana, sabem se transformar em onça, o animal mesmo.

TÕRÂMË KEHÍRI

Pajé veste a roupa de onça

acervo da Fundação Darcy Ribeiro



Eles são capazes de pegar essa qualidade do bicho como roupa. E vão embora como onça para a caça de inimigos.

DENILSON BANIWA

Performance Pajé-Onça caçando
na Avenida Paulista, 2019



Os pajés vestem roupas de outros seres para caminhar entre reinos,

AUTOR DESCONHECIDO

Vídeo dragão-de-komodo



CHRISTOPHER ROY

African Art:

The Masks of the Bonde Family in Boni Perform, 2007



PRISCILLA TELMON & VINCENT MOON

Híbridos, os Espíritos do Brasil, 2014-2018

Petites Planètes, Feever Filmes, 2014-2018



VINCENT MOON

The Soil and Soul of Croatia, 2012



ANA CARVALHO E FERNANDO ANCIL

Cortejo, 2012

Super 8, cor.

Realizado no contexto do projeto Bando:
memória, imagem e identidade

vestem a roupa da onça, a roupa do pássaro.
Lobos vestem roupa de humanos,
gente veste roupa de peixe, fungos despem
seres de suas roupas e os convertem em
outros seres.



SÉRGIO BERNARDES,

Tambo, 2009.

Lumina Produções. Urca Filmes

Acervo Sérgio Bernardes / Mana Bernardes – gestora e detentora dos direitos patrimoniais do acervo junto a Pedro Wladimir Bernardes,

Lola Maria Bernardes, João Wladimir Bernardes, José Wladimir Bernardes e Rosa Bernardes

Drika de Oliveira – gestora e preservadora audiovisual do acervo / Beatriz Nunes – gestora e preservadora audiovisual do acervo



MARIA LAET
Trança (Homenagem a Tunga), 2017/ 2020
Fotografia: Manuel Águas

Nós somos um mesmo mundo e uma mesma substância.

Tudo é permeável, e não há medo que o evite.

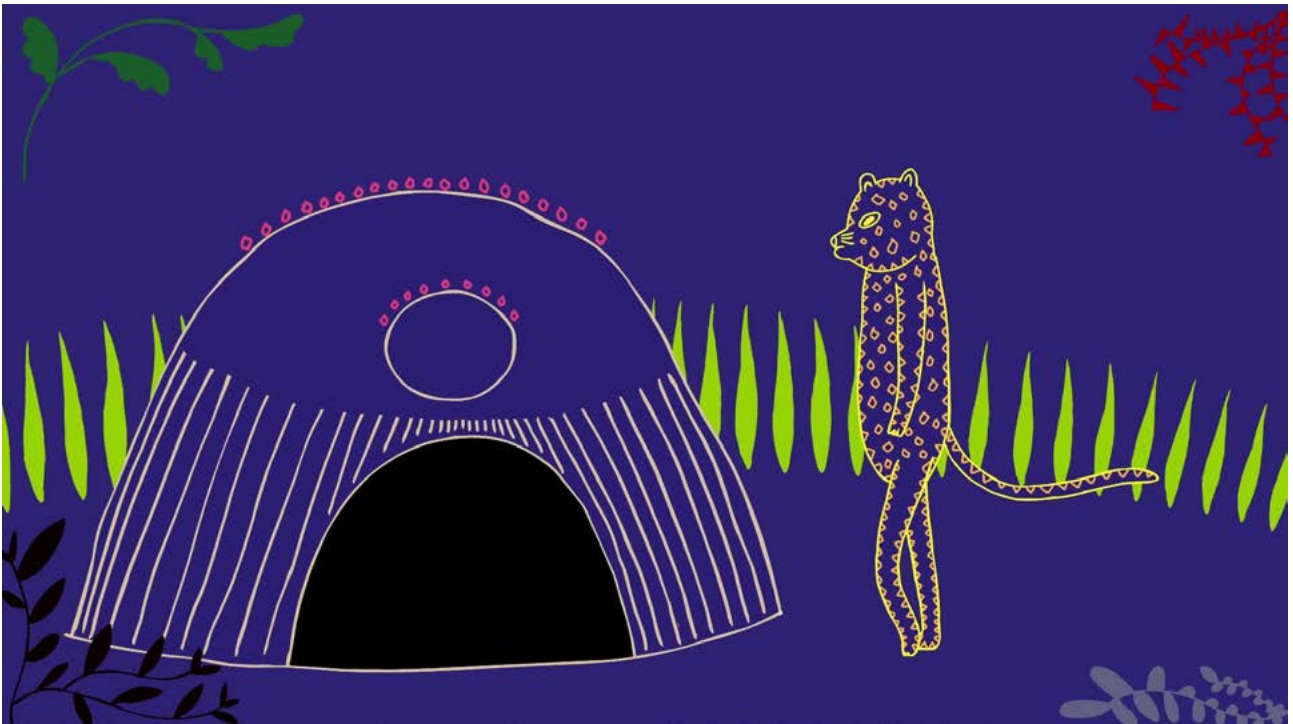
Fungos surgem sobre muros, se metem entre os dedos, seres invisíveis coabitam o mundo visível.

Estamos no mesmo casulo.



Vegetables and Fruits Decompose and Rot
3 Weeks Timelapse

Somos uma floresta de seres.



Desenho de LÍVIA SERRI FRANCOIO

A floresta é o pulsar da vida.
É a natureza que se espraia.
É desejo.
Há muito medo dessa teia de vidas en-
trelaçadas.

Há também amor.
É o amor que move e cura.

BIOS:

AILTON KRENAK (1953)

Pensador, ambientalista e uma das principais vozes do saber indígena. Criou, juntamente com a Dantes Editora, o *Selvagem* – ciclo de estudos sobre a vida. Vive na aldeia Krenak, nas margens do rio Doce, em Minas Gerais. É autor dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019) e *A Vida Não é Útil* (Companhia das Letras, 2020).

ANNA DANTES (1968)

Seu trabalho estende a experiência de edição para outros formatos além dos livros. Há dez anos realiza, junto ao povo *Huni Kuĩ*, no Acre, o projeto *Una Shubu Hiwea*, Livro Escola Viva. Em 2018, criou o *Selvagem*.

EMANUELE COCCIA (1976)

Nasceu em Fermo, na Itália. Até os 19 anos de idade, estudou no Instituto Técnico Agrário Garibaldi, em Macerata, razão pela qual manteve seu olhar dirigido às plantas durante seus altos estudos em filosofia. Coccia transita por importantes centros acadêmicos em Florença, Berlim, Friburgo, Nova York e Paris. É professor titular de filosofia na EHESS em Paris. Suas obras têm sido traduzidas em diversos países e propõem a ampliação da percepção da vida, de seus sistemas e do mundo. No Brasil, seus livros *A Vida das Plantas* (Cultura e Barbárie, 2018) e *Metamorfoses* (Dantes, 2020) estão disponíveis. É o pai de Colette.

JOÃO PAULO LIMA BARRETO (1972)

É indígena antropólogo do povo *Yepamahsã* (Tukano), nascido na aldeia São Domingos, na Terra Indígena Alto Rio Negro, em São Gabriel da Cachoeira (AM). É graduado em Filosofia (2010), mestre (2013) e doutor em Antropologia Social (2021) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Sua banca de defesa, ocorrida de modo remoto no dia 4 de fevereiro de 2021, pode ser conferida aqui. É também pesquisador do Núcleo de Estudos da Amazônica Indígena (NEAI). Em 2017, fundou em Manaus o Centro de Medicina Indígena *Bahserikowi*.

NAIARA TUKANO (1987)

Ativista indígena do povo Tukano do Alto Rio Negro, Naiara é também mãe e advogada. Desenvolve projetos que podem contribuir para o fortalecimento cultural e espiritual dos povos nativos. Trabalha como curadora do projeto Sawé junto com o Sesc.

https://www.ted.com/talks/naiara_tukano_visoos_do_povo_tukano

TÓRĀAMŪ KEHĪRI (LUIZ GOMES LANA) (1947)

Indígena Desana da região do Alto Rio Negro, Luiz é filho primogênito de Umusi Pārōkumu, Firmiano Arantes Lana, e de Emília Gomes. Com seu pai, escreveu e ilustrou o livro *Antes o mundo não existia* (Dantes, 2019), narrativas da cosmogonia Desana.

PAULO DESANA (1979)

Atua desde 2010 como cinegrafista e fotógrafo indígena. Como fotógrafo, Paulo é colaborador para a agência de notícias Amazônia Real. Atualmente, desenvolve o projeto fotográfico *Pamũritmasa* (os “Espíritos da Transformação” ou “que saíram da água do rio”) realizado pelo Centro Cultural Vale Maranhão. *Pamũritmasa* suscita aproximações entre mitologia, tradição, arte, cultura, identidade e fotografia, partindo de um levantamento de referências sobre a narrativa indígena da viagem da Cobra-Canoa da Transformação com imagens que buscam o efeito simbólico dos espíritos de seus antecessores.

<https://ccv-ma.org.br/programacao/exposicoes/desmanche>

MÁRIO PEIXOTO (1908-1992)

Foi um cineasta, roteirista e escritor brasileiro. O seu filme *Limite* é considerado um dos clássicos mais importantes do cinema brasileiro.

https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1rio_Peixoto

LUIZ ZERBINI (1959)

Artista multimídia brasileiro. Considerado um dos principais representantes da Geração 80 da arte brasileira, Luiz Zerbini produz desde imagens de cenas domésticas, paisagens naturais e urbanas até imagens abstratas. O artista justapõe estilos e técnicas, padrões orgânicos e geo-

métricos, campos de luz e sombra, produzindo efeitos ópticos que convidam à contemplação. Sua obra faz parte do acervo de importantes instituições, como: Inhotim, Instituto Itaú Cultural, MAM – RJ e MAM – SP.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Zerbini

<https://www.carbonogaleria.com.br/artistas/luiz-zerbini-cat.html>

GLAUBER ROCHA (1939-1981)

Cineasta, ator e escritor brasileiro. Glauber Rocha foi um cineasta controverso e incompreendido no seu tempo, além de ter sido patrulhado tanto pela direita como pela esquerda brasileira. Ele tinha uma visão apocalíptica de um mundo em constante decadência, e toda a sua obra denotava esse seu temor. Foi com o filme *Terra em Transe* que se tornou reconhecido, conquistando diversos prêmios internacionais, como o Prêmio da Crítica do Festival de Cannes e o Prêmio Luis Buñuel, na Espanha.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Glauber_Rocha

MARIENE DE CASTRO (1978)

Cantora, compositora, atriz, bailarina e instrumentista brasileira, notória por exaltar a cultura afro-brasileira em sua obra musical. Nascida em Salvador, Mariene de Castro despontou no cenário musical brasileiro identificada como uma força da natureza. Foi indicada ao Grammy Latino 2020, na categoria “Melhor Álbum de Músicas de Raízes Em Língua Portuguesa”, pelo álbum “Acaso Casa Ao Vivo”, em parceria com o cantor pernambucano Almério.

<https://www.marienedecastro.com.br>

PETITES PLANÈTES: PRISCILLA TELMON (1975) & VINCENT MOON (1979)

Priscilla Telmon & Vincent Moon são uma dupla de artistas franceses multidisciplinares, que trabalham sobretudo, como cineastas independentes e exploradores sonoros. Juntos, produzem filmes e gravações musicais etnográficas experimentais, direção criativa e curadoria, com base nos materiais recolhidos em suas incontáveis viagens mundo afora.

<https://petitesplanetes.earth/>

<https://hibridos.cc/>

OLAV LORENTZEN (1985)

Pesquisador do estudo da percepção, em áreas como a antropologia, a filosofia e a física, Olav explora, frontalmente, a possibilidade de reorganizar o mundo em função de semear um questionamento de compreensões preestabelecidas. Seu trabalho, situado no tempo, habita campos híbridos. Por meio do uso do conceito de circularidade e da transformação mútua, indaga os “espaços intermediários”; busca encontrar as diversas relações entre o sujeito e o objeto ou o pensamento e a palavra. O artista explora incongruências entre o conceito de algo e a percepção de algo.

<http://www.olavlorentzen.com>

CAO GUIMARÃES (1965)

Cineasta e artista plástico, nasceu em Belo Horizonte, onde vive e trabalha. Atua no cruzamento entre o cinema e as artes plásticas. Com produção intensa desde o final dos anos 1980, o artista tem suas obras em diversas coleções prestigiadas, como a Tate Modern, o MoMA e o Museu Guggenheim, Fondation Cartier, Colección Jumex, Inhotim, dentre outras.

<https://www.caoguimaraes.com/>

RIVANE NEUENSCHWANDER (1967)

Artista brasileira contemporânea que entrelaça linguagem, natureza, geografia, sociologia e psicanálise. Participou de várias exposições, como na Bienal de São Paulo, e uma que ocupou três andares no New Museum, em Nova York, além de vários outros importantes museus e galerias nacionais e internacionais.

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19985/rivane-neuenschwander>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rivane_Neuenschwander

ALFREDO VOLPI (1896-1988)

Pintor ítalo-brasileiro com uma trajetória singular e passagem por distintas vertentes da pintura. Volpi destaca-se por suas paisagens e temas populares e religiosos. É considerado pela crítica um dos artistas mais importantes da segunda geração do Modernismo.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Volpi

JOHN FELDMAN (1954)

Cineasta estadunidense aclamado, cuja trajetória profissional se desdobra há mais de 40 anos, englobando um espectro variado de gêneros: de dramas independentes a documentários, passando pelo experimental, educativo e corporativo. Seus filmes já receberam diversas nomeações e prêmios internacionais.

<https://hummingbirdfilms.com/johnfeldman/>

<https://hummingbirdfilms.com/symbioteearth/>

TARSILA DO AMARAL (1886-1973)

Tarsila é, sem dúvida, uma das personalidades que mais marcou a vida artística e intelectual do Brasil. Ícone do Modernismo brasileiro, a obra de Tarsila se destaca por sua originalidade, pelo contraste audacioso entre formas e cores, pela vegetação exuberante e pela ênfase dada aos corpos.

<http://tarsiladoamaral.com.br/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarsila_do_Amaral

FERNANDA ZÊRBIM (1982)

É artista e arte-educadora. Pesquisa sobre a criança e a floresta. É ateliê-rista com crianças em projetos, galerias, museus, festivais e segue pesquisando a floresta como escola viva. Participou do encontro convoque sua natureza, com Jon Cree, diretor da Forest School Association (Parque das Neblinas, SP, 2019). Fez formação de Educação Viva e Consciente na Escuela Viva Del Bosque, com Ivana Jauregui (Uruguai, 2017), e, em 2018, frequentou o sítio de Ana Thomaz, em Piracaia. Fez o curso Raízes, com Gandhi Piorski, e faz atividades através do livro *Arte Brasileira para Crianças* (Ed. Cobogó). É inspiradora com crianças em vários ateliês em projetos de arte e natureza, crianças na floresta, ateliê na floresta, entre Rio de Janeiro e São Paulo, é educadora do Parquinho Lage desde 2016, na EAV Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, curso Arte Brasileira.

<https://www.instagram.com/zerbinifernanda/?hl=fr>

ANNE DUKHEE (1978)

Artista coreano-alemã, que vive e trabalha em Berlim.. A transição e a transformação são os temas centrais de seu trabalho. Através do movimento e da *performance*, ela dá outra dimensão à materialidade; constrói esculturas motorizadas e cria paisagens comestíveis. Suas esculturas têm o objetivo de atrair o espectador para o presente e abrir um diálogo entre fenômenos naturais, filosofia e arte. Seu trabalho é como um jogo de fantasia interativo com os conhecimentos e teorias sobre o mundo e nossas almas.

<https://dukhee.de>

ANA MIRANDA (1951)

Além de escrever e atuar, Ana também ilustrou as capas dos próprios livros. A romancista ganhou notoriedade com a publicação de seu primeiro romance, *Boca do Inferno* (Companhia das Letras, 1ª edição 1989). Sua obra é voltada para a linguagem e a imaginação, realizando um trabalho de redescoberta e paixão pelo tesouro literário brasileiro. Em tempos em que as culturas regionais são ameaçadas, Ana Miranda recria épocas e situações que se referem à nossa história literária, mas, primordialmente, dá vida a linguagens perdidas.

<http://www.anamirandaliteratura.com.br>

DENILSON BANIWA (1984)

Artista-jaguar do povo indígena Baniwa. Seus trabalhos expressam sua vivência enquanto ser indígena do tempo presente, mesclando referências tradicionais e contemporâneas indígenas com ícones ocidentais para comunicar o pensamento e a luta dos povos originários em diversas linguagens, como canvas, instalações, meios digitais e *performances*.

<https://www.behance.net/denilsonbaniwa>

SÉRGIO BERNARDES FILHO (1944 - 2007)

Filho do arquiteto Sérgio Bernardes e neto do jornalista Wladimir Bernardes, Sérgio Bernardes foi um cineasta brasileiro. Seu primeiro longa-metragem, *Desesperato* (1968), recebeu por unanimidade o prêmio de melhor filme no Festival de Belo Horizonte e, logo em seguida, foi

censurado pela ditadura. Depois de anos em exílio na França, quando voltou ao Brasil, Sérgio partiu em diversas expedições pela Amazônia e o interior do país.

<http://tamboro.blogspot.com/>

ANA CARVALHO (1977)

Ana Carvalho é artista, pesquisadora e educadora popular. Há mais de 20 anos trabalha junto a povos indígenas e comunidades tradicionais no desenvolvimento de projetos culturais e de criação artística compartilhada nos campos das artes visuais, cinema e patrimônio imaterial. Homeopata popular e técnica em agroecologia, atua com foco nas práticas regenerativas do solo e criação de quintais medicinais e comestíveis, desenvolvendo pesquisa sobre práticas tradicionais de cura e as cosmologias dos roçados ameríndios e afro-indígenas. Idealizou e coordenou junto a mulheres de Paudalho e Tracunhaém/PE o *Caderno de Plantas e Ervas Mediciniais das Mulheres da Mata Norte*. É colaboradora do Vídeo nas Aldeias e integrante do Chã – coletivo da terra. Vive e trabalha em Paudalho/PE.

https://www.instagram.com/ana.car_valho/

<https://issuu.com/chacoletivodaterra>

FERNANDO ANCIL (1980)

É artista. Formou-se em conservação e restauração de bens culturais móveis pela FAOP e em artes visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Participou de diversas exposições coletivas e individuais, com destaque para Feito poeira ao vento, fotografia na coleção MAR, Museu de Arte do Rio (2017); Escavar o Futuro, Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte (2013); e Convite à Viagem – Programa Rumos, Itaú Cultural, São Paulo (2011–2013), além de participar da 21 Bienal de Arte Contemporânea SESC.VIDEOBRASIL, São Paulo (2019/2020). Em 2015 fundou a Marcenaria Olinda, onde suas pesquisas têm como objeto os limites entre trabalho, ofício e artes.

<https://www.instagram.com/marcenariaolinda/?hl=pt-br>

MARIA LAET (1982)

Nascida no Rio de Janeiro, a artista mostra seu trabalho individualmente desde 2010. Já participou da 33ª Bienal de São Paulo e da 18th Biennale of Sydney. Nas palavras de Nathalie Ergino, Maria Laet “explora as propriedades físicas e simbólicas dos materiais, muitas vezes fluidos e voláteis, como areia, leite, tinta ou o próprio sopro. Esses materiais refletem o passar do tempo e têm a maleabilidade necessária para acompanhar as formas do real [...] Da terra à luz, passando pelo sopro, o trabalho de Maria Laet expressa a tomada de consciência de um todo em vida heterogênea, no seio do qual a natureza e o humano são partes cuja coexistência é essencial.”

<http://marialaet.com>

CAROLINA CANGUÇU (1985)

Carolina Canguçu é mestre em Comunicação Social pela UFMG, onde desenvolveu pesquisa sobre o cinema Huni Kuin. É documentarista e trabalha junto a diferentes povos e comunidades tradicionais em cursos de formação audiovisual, tendo dirigido e montado dezenas de filmes. Em 2020, dirigiu e montou o filme *Nũhũ Yãg Mũ Yõg Hãm: Essa Terra É Nossa!* junto a Sueli Maxakali, Isael Maxakali e Roberto Romero. Atualmente coordena a Interprogramação da TVE Bahia.

<https://www.youtube.com/channel/UCCJ6dwUYm1g-uvq7g0PVWUA>

PAJÉ AGOSTINHO MANDUCA MATEUS KAXINAWÁ (1944-2011)

Pajé do povo Huni Kuĩ, *Ikã Nai Bai Ika Muru Huni Kuĩ* era um cientista da floresta e grande observador das plantas. Teve também grande importância na demarcação do território de seu povo e participou ativamente das lutas para a libertação do modelo extrativista da seringa. Por mais de 20 anos, reuniu o seu conhecimento sobre plantas em um caderninho, o que culminou na publicação *Una Isĩ Kayawa – Livro da Cura* (Dantes, 2019). O livro, que reúne o profundo conhecimento das plantas e práticas medicinais do povo indígena Huni Kuĩ, recebeu o prêmio Jabuti em Ciência da Natureza no ano de 2015.

<https://dantes.com.br/produto/una-isi-kayawa/>

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br.

Este caderno conta com a especial participação de Natalia Amarinho, que redigiu as biografias dos artistas, e de Sâmia Rios, revisora do texto.

NATÁLIA AMARINHO (1983)

Astrofísica e Comunicadora Pública da Ciência. Nem de terra, nem de mar, nem de cidade, nem de floresta, nem só de exatas nem apenas de humanas. Acredito que, na ciência, na vida e na política, os segredos estão na transdisciplinaridade: tento estar em experiências diversas, nos interstícios e nas misturas entre corpos e ciências, artes e tecnologia.

SÂMIA RIOS: Sou uma leitora e estudante entusiasmada desde criança, e para sempre serei! O meu amor pelas narrativas me levou a estudar Letras e Pedagogia. Trabalho há mais de 30 anos com livros, fazendo revisão, preparação, edição, adaptação de contos de fadas e algumas traduções de títulos de literatura infantil do inglês e do alemão. Estou muito contente por fazer parte dessa comunidade selvagem!

FICHA TÉCNICA

IDEIA ORIGINAL E NARRAÇÃO Ailton Krenak
DIREÇÃO, ROTEIRO E PESQUISA Anna Dantes
PRODUÇÃO Madeleine Deschamps
EDIÇÃO DA FLECHA AUDIOVISUAL Elisa Mendes
ANIMAÇÕES Lívia Serri Francoio
TRILHA SONORA Gilberto Monte e Lucas Santtana
CONSULTORIAS Emanuele Coccia e João Paulo Lima Barreto
ASSISTENTE DE PRODUÇÃO Victoria Mouawad e Laís Furtado
COMUNICAÇÃO Christine Keller, Cris Muniz Araujo, Daniela Ruiz,
Mauricio Boff e Natália Amarinho (Comunidade Selvagem)

AGRADECIMENTOS

Ana Carvalho
Ana Luísa Vermelho
Ana Miranda
Anne Dukhee
Ava Rocha
Cao Guimarães
Carolina Canguçu
Christopher Roy
Denilson Baniwa
Digo Fiães
Earth Touch – Noeleen Padayachee
Emanuele Coccia
Encyclopædia Britannica – Mindy Johnston
Fernanda Zerbini
Fernando Ancil
Fundação Darcy Ribeiro
Galeria Almeida & Dale – Erica Schmatz
Instituto Odeon – Alice Corrêa
João Paulo Lima Barreto
John Feldman
Luciana Freire Rangel
Luiz Lana
Luiz Zerbini
Maria Inês de Almeida
Maria Laet
Museu de Arte do Rio – Marcelo Andrade
Naiara Tukano
Olav Lorentzen
Paulo Desana
Petites Planètes – Priscilla Telmon & Vincent Moon
Rivane Neuenschwander
Silvia Gandelman
Studio Cao Guimarães – Ralph Antunes
SuperUber – Liana Brazil e Fabiano Martins
The University of Iowa – Steve McGuire



Shuku Shukuwe: a vida é para sempre, 2012

Concepção: IKÃ NAI BAI IKA MURU HUNI KUĨ / PAJÉ
AGOSTINHO MANDUCA MATEUS KAXINAWÁ

Realização: Adelson Siã Huni Kuĩ, Ana Carvalho,
Carolina Canguçu, Tenê Nixuaka,
Ayani Huni Kuĩ, Isaka Huni Kuĩ, Tadeu Siã Huni Kuĩ.

Montagem: Carolina Canguçu.

Projeto *Livro Vivo: medicina tradicional Huni Kuĩ*
Aldeia Huni Kuĩ São Joaquim Centro de Memória (AC),
Literaterras/UFMG e Associação Filmes de Quintal

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

